

José Carlos Martins

O Velho e o Menino:



o Rio



José Carlos Martins nasceu no sul de Minas, numa pequena cidade chamada Areado. Ali residiu e estudou até o final do ensino médio, transferindo-se para Guaxupé, também em Minas Gerais, onde residiu no Seminário Diocesano São José e frequentou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé (FAFIG).

Graduado em Letras, retornou à sua cidade natal, onde lecionou por 12 anos, casou e teve duas filhas.

Mudou-se para Alfenas (MG) em 1993, onde ainda reside. Graduou-se em Direito pela Universidade de Alfenas (UNIFENAS) e iniciou sua carreira no judiciário federal, na Vara do Trabalho de Alfenas. Aposentou-se depois de 25 anos, em julho de 2018.

É casado com Marciana Prado Martins, bancária aposentada, pai de Lara Prado, atriz, e Lívia Prado, tradutora. E avô do menino Vicente.

José Carlos Martins

O Velho e o Menino: o Rio

1ª Edição
Alfenas - 2021

 **cria** editora

Ao meu neto Vicente
(e às mulheres que me levaram até ele)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecário Pedro Anízio Gomes - CRB-8 8846

M386v Martins, José Carlos.

O velho e o menino: o rio / José Carlos Martins;

Organizadora: Nádya Alonso.

1. ed. – Alfenas, MG: Cria Editora, 2021.

236 p.; 16 x 23 cm.

ISBN 978-65-87058-05-4

1. Menino. 2. Rio. 3. Velho. I. Título. II. Assunto.
III. Autor. IV. Organizadora.

22-3037704

CDD: 869.93

CDU: 82-34 (81)

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura brasileira – Romance, crônica, conto, novela, cartas.
2. Literatura: Conto (Brasil).

Direção Geral: Nádya Alonso

Direção Editorial: Marcelo R. Alonso

Revisão: Lívya Prado

Cria Mineira Empreendimentos Ltda.

Rua Dirce Moura Leite, 118 - Alfenas - MG

+55 35 3292.4859

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO ÚNICO

Uma cepa de flor pág. 15

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO I

Um casamento; uma morte; uma viagem sem volta pág. 18

CAPÍTULO II

Uma pintura; uma acolhida; uma providência pág. 21

CAPÍTULO III

Um mau costume; uma anomalia; uma definição pág. 24

CAPÍTULO IV

Uma escola; uma professora; uma andorinha pág. 25

CAPÍTULO V

Um inimigo invisível; um item inegociável; uma novidade pág. 28

CAPÍTULO VI

Uma vila; uma simbologia; um bordão pág. 30

CAPÍTULO VII

Um celeiro desocupado; um ofício; um livro com dedicatória pág. 32

CAPÍTULO VIII

Uma noite de lua cheia; um mergulho; uma pneumonia pág. 35

CAPÍTULO IX

Uma inspiração; um encontro; um sorriso pág. 36

CAPÍTULO X

Uma febre; um bilhete; uma tempestade pág. 39

CAPÍTULO XI

Um adeus; um balão; uma âncora pág. 41

CAPÍTULO XII

Um deus; um diabo; um desejo de eternidade pág. 42

CAPÍTULO XIII

Um sonho; um pesadelo; um lamento pág. 46

CAPÍTULO XIV

Uma frustração; um assunto constrangedor; uma frase solta no ar pág. 49

CAPÍTULO XV

Um vendedor de verduras; uma interpelação; uma barba por fazer pág. 49

CAPÍTULO XVI

Uma árvore; um fruto proibido; um grão de trigo pág. 51

CAPÍTULO XVII

Uma cidade; uma igreja; um coreto pág. 59

CAPÍTULO XVIII

Uma dupla de irmãos; um velho casarão; um amor platônico pág. 62

CAPÍTULO XIX

Uma bula papal; um esdrúxulo poeta; uma medida de arroz pág. 63

CAPÍTULO XX

Um estorvo; um ponto em comum; uma demão de verniz pág. 68

CAPÍTULO XXI

Uma manhã outonal; uma manhã primaveril; um poema pág. 69

CAPÍTULO XXII

Um ar episcopal; um estoico; um senhor do vale pág. 72

CAPÍTULO XXIII

Um casamento; um pesadelo; uma preocupação prosaica pág. 74

CAPÍTULO XXIV

Uma garrafa de vinho; um último gole; uma herança pág. 75

CAPÍTULO XXV

Um caldeirão; uma mãe; uma dose de entusiasmo pág. 76

CAPÍTULO XXVI

Um longo período; um fantasma; uma praga de gafanhotos pág. 77

CAPÍTULO XXVII

Uma aposta segura; um mandamento; um imperador pág. 78

CAPÍTULO XXVIII

Uma sentença definitiva; o valor intrínseco do bem; um bom homem pág. 79

CAPÍTULO XXIX

Uma crise; um café; um pequeno milagre pág. 80

CAPÍTULO XXX

Um casamento; um rio que corre para o norte; um plano pág. 81

CAPÍTULO XXXI

Um lampião pintado de vermelho; um tiro certo; uma moça dócil pág. 84

CAPÍTULO XXXII

Um perigo iminente; uma professora atenciosa; um transe litúrgico pág. 88

CAPÍTULO XXXIII

Uma troça; um adeus; uma fila de frutas pág. 91

CAPÍTULO XXXIV

! pág. 92

CAPÍTULO XXXV

Uma falácia; uma divagação; uma contenda pág. 93

CAPÍTULO XXXVI

Uma presença imprescindível; um subtítulo; um esclarecimento pág. 97

CAPÍTULO XXXVII

Um atropelo; uma cronologia; uma desavença pág. 100

CAPÍTULO XXXVIII

Um aviso; uma recomendação; uma proibição pág. 102

CAPÍTULO XXXIX

Uma luz trôpega; uma revelação; um jorro d'água pág. 102

CAPÍTULO XL

Uma noite magenta; um redemoinho; um antipapa pág. 104

CAPÍTULO XLI

Um reformador; um fim de tarde; um objeto sem dono pág. 105

CAPÍTULO XLII

Uma preferência acentuada; um livro; uma árvore frondosa pág. 107

CAPÍTULO XLIII

Um presente; uma doação; um cartaz pág. 109

CAPÍTULO XLIV

Uma tarefa hercúlea; uma comédia divina; uma morada eterna pág. 112

CAPÍTULO XLV

Uma receita de bolo; um sorriso enigmático; um lugar melhor pág. 114

CAPÍTULO XLVI

Uma metáfora mentirosa; uma cabaça que baila; um calafrio pág. 115

CAPÍTULO XLVII

Uma submissão; uma marca profunda; uma última muralha pág. 117

CAPÍTULO XLVIII

Um cafezinho; uma síncope; um ano difícil pág. 120

CAPÍTULO XLIX

Um epíteto; uma insinuação; um proeminente professor pág. 121

CAPÍTULO L

Um título honorífico; uma tarde ociosa; um farmacêutico poeta pág. 122

CAPÍTULO LI

Um fixo por mês; um sorriso de criança; uma noite feliz pág. 125

CAPÍTULO LII

Uma receita infalível; uma noite confortável; um sorriso obstinado pág. 129

CAPÍTULO LIII

Uma caravana; uma dose de araque; uma concordância verbal pág. 131

CAPÍTULO LIV

Uma colmeia; um filósofo antigo; um homem abastado pág. 133

CAPÍTULO LV

Uma cláusula; uma divisão; um consolo pág. 134

CAPÍTULO LVI

Um certo negociante de gado pág. 136

CAPÍTULO LVII

Um mundo nas mãos; uma noite insone; um jogo pág. 138

CAPÍTULO LVIII

Uma teoria; um devaneio; uma noite interminável pág. 140

CAPÍTULO LIX

Um inventário; uma merenda; uma caçada pág. 142

CAPÍTULO LX

!! pág. 143

CAPÍTULO LXI

Um troféu; um desapontamento; um maço de rapadura pág. 143

CAPÍTULO LXII

Um gado de asas; uma pancada na cabeça; uma ressalva pág. 145

CAPÍTULO LXIII

Um domingo de páscoa; uma epifania; um versículo pág. 148

CAPÍTULO LXIV

Uma chuva severa; uma pedra branca; um juramento pág. 149

CAPÍTULO LXV

Uma festa no céu; um urubu admirável; uma ira divina pág. 150

CAPÍTULO LXVI

Um enigma; uma entrada secreta; um violão pág. 153

CAPÍTULO LXVII

Um acontecimento; um furdunço; um aparte pág. 154

CAPÍTULO LXVIII

Uma noite quente; um barulho; um poema pág. 157

CAPÍTULO LXIX

Uma ameaça comunista; um ano sem fim; um ato institucional pág. 158

CAPÍTULO LXX

Uma ausência; um violeiro; uma cantiga de roda pág. 161

CAPÍTULO LXXI

Uma notícia; um paredão; um último desejo pág. 162

CAPÍTULO LXXII

Um banco de praça; uma cadeira improvisada; um flautista mágico pág. 163

CAPÍTULO LXXIII

Um pedido de perdão; um naco de pão; uma oportunidade perdida pág. 164

CAPÍTULO LXXIV

Uma lágrima furtiva; uma manhã de sábado; uma música pág. 170

CAPÍTULO LXXV

Uma encomenda; um esquadro; uma ironia pág. 170

CAPÍTULO LXXVI

Um pedido; um desaparecimento; um silêncio pág. 172

CAPÍTULO LXXVII

Uma tarde de domingo; um passo na lua; um descompasso na terra pág. 172

CAPÍTULO LXXVIII

Um pressentimento; uma aula; uma pergunta pág. 174

CAPÍTULO LXXIX

!!! pág. 176

CAPÍTULO LXXX

Um bicho atentado; um coração; uma caveira pág. 176

CAPÍTULO LXXXI

Um solitário; uma sociedade; um cachorro faminto pág. 178

CAPÍTULO LXXXII	
Um meliante; um bacamarte de chumbo grosso; uma gaiola quebrada.	pág. 179
CAPÍTULO LXXXIII	
Um círculo; uma reta; uma verdade insofismável.	pág. 181
CAPÍTULO LXXXIV	
Uma manhã; uma pergunta aos botões; um desaparecimento	pág. 183
CAPÍTULO LXXXV	
Uma fábula conhecida; um palhaço; uma palavra	pág. 183
CAPÍTULO LXXXVI	
Uma viagem ao passado; uma navalha afiada; um esgar de contrariedade . . .	pág. 186
CAPÍTULO LXXXVII	
Um quadro na parede; uma cachacinha; um poeta de ferro.	pág. 189
CAPÍTULO LXXXVIII	
Uma metade de pão; uma merenda; um acidente	pág. 190
CAPÍTULO LXXXIX	
Uma manchete; um ano ruim; um silêncio de ouro	pág. 191
CAPÍTULO XC	
Uma ceia; um companheiro; uma incoerência.	pág. 192
CAPÍTULO XCI	
Uma tragédia; uma matéria ao pé da página; um piquenique	pág. 193
CAPÍTULO XCII	
Um velório; um caixão por providenciar; uma acácia espinhosa	pág. 194
CAPÍTULO XCIII	
Um fato curioso; um galho de árvore; um fruto do acaso.	pág. 196
CAPÍTULO XCIV	
Um perfeito; um imperfectível; uma inocente oração	pág. 199
CAPÍTULO XCV	
Um trono dourado; uma oração; uma teimosia bíblica	pág. 200
CAPÍTULO XCVI	
Uma fé inabalável; um mistério; uma luz cessante.	pág. 201
CAPÍTULO XCVII	
Um conhecido; uma curva de rio; um pão tropeçado	pág. 204
CAPÍTULO XCVIII	
Um sobreiro; uma ocupação palatável; uma senhora do Alentejo	pág. 206

CAPÍTULO XCIX	
Um álbum de figurinhas; uma tentativa patética; uma notícia.	pág. 207
CAPÍTULO C	
Uma nova cadência; uma voz grave; uma certeza.	pág. 209
CAPÍTULO CI	
Uma imensidão incontornável; uma longa jornada; um defunto memorável.	pág. 210
CAPÍTULO CII	
Um atalho para o céu.	pág. 211
CAPÍTULO CIII	
Um poema triste; uma missão; uma tribuna	pág. 212
 TERCEIRA PARTE	
CAPÍTULO I	
Uma praça enfeitada; um tranco; um milagre da natureza	pág. 218
CAPÍTULO II	
Uma garrafa de vinho; um mantra; um travesseiro	pág. 219
CAPÍTULO III	
Um periquito; uma procissão; um andor improvisado.	pág. 223
CAPÍTULO IV	
Uma oferenda; um estranho cortejo; um troféu	pág. 226
CAPÍTULO V	
Um grito na noite; um trono singular; um coração em descompasso	pág. 227
CAPÍTULO VI	
Uma indagação	pág. 228
Carta à revisora Lívia Prado.	pág. 231



1

lab

parte

Uma cepa de flor

Naqueles dias o menino Francisco tomou-se de coragem e chamou a atenção de Dona Nazaré para pedir-lhe uma rama da flor que se destacava no canto de seu jardim, de talo verde e taça branca em sua ponta.

- Dona Nazaré!

A octogenária senhora, de lenço na cabeça, avental e chinelinhos puídos, segurando um pequeno regador em suas mãos já um pouco trêmulas, não ouviu.

O menino chamou uma segunda e uma terceira vez, dessa feita uma oitava acima.

Dona Nazaré, apertando os olhos para melhor enxergar, virou-se lentamente para a rua.

- A senhora me arruma um copo-de-leite?

Dona Nazaré, decepcionada:

- Sinto muito, meu filho, o último copo de leite que eu tinha usei para fazer um bolo.

O menino estranhou por um momento e quis indagar um “como assim?”, mas, envergonhado, agradeceu com um pequeno gesto de cabeça e apertou o passo para alcançar o vendedor de mel, que ia a certa distância.

2^{da} parte



Um casamento; uma morte; uma viagem sem volta

O que dizem de mim na cidade? Eu sei o que dizem, é desnecessário responder. Perguntei por perguntar. Mas, de minha vida, que é que sabem? Uns dizem que sou senil; outros, sistemático; aqueles, somítico. Ouço murmurinhos quando passo pelas ruas da cidade. Não sou surdo. Velho, sim, já passei dos setenta anos, mas isso é antes de tudo um privilégio, ainda mais que ando com minhas pernas, me alimento com as minhas mãos; sou capaz de me lavar e de me vestir sem ajuda de terceiros. Muitos do meu tempo de menino já se foram, outros estão abatidos numa enxerga, carentes da ajuda alheia.

Metódico sei que sou, pois tenho meus princípios. Não me meto na vida de ninguém e gosto do que é meu sendo meu, e o que não é, quero longe das minhas vistas, sem nenhum interesse em possuir.

Avaro é que não sou. Não gasto o dinheiro de que disponho porque as minhas necessidades são pequenas e de luxo algum faço questão. Se disponho de um sabonete, não vejo necessidade de comprar xampu ou creme de barbear. Lavo os cabelos e faço a barba com ele.

Sempre fui ruim de garfo, você já observou. De criança tinha fama de ser doentinho e era chamado pelos meus colegas de escola de saco de ossos. Gosto do trivial, da boa comidinha da nossa região, sem frescuras. Comer muito não é sinal de saúde, nem ser magro é doença. A sobriedade é antes de tudo uma virtude, seja no comer, no falar, no se vestir, no possuir bens. Você já não ouviu dizer que o homem morre é pela boca? Ou é por muito comer ou por muito falar.

Essas coisas que lhe digo, não precisa mesmo prestar atenção, são coisas nenhuma. Mas chegará a hora em que deverá se atentar às mi-

nhas palavras, pois as tornará públicas, em minha memória.

Ainda é cedo. Tenho muito que lhe contar. Andaremos um pouco mais sobre este vale de lágrimas, embora essa seja apenas uma triste figura de linguagem, pois não me lembro de quando derramei a última.

Acredito que foi quando meu pai morreu.

E lá se vão mais de vinte anos.

Chegamos ao Brasil, meu pai e eu, no alvorecer do século XX. Não lembro. Eu tinha poucos anos de vida.

O que sei, o quase nada que sei, foi meu pai que me contou. A versão é dele, não tenho contraprovas, por isso dou de recibo passado o que ele dizia e tenho como verdadeiro e definitivo.

No último quarto do século XIX, nasceu meu pai em uma quinta na aldeia de CANCELLOS DE BAIXO, ao norte do Distrito da Guarda, em Portugal. Ali trabalhava seu pai, e também trabalhara o pai do pai dele, desde outros tempos, quando a família Vieira Vasconcelos dera início à produção do vinho que trazia em seu rótulo a marca “3V”. A bebida era de qualidade, produzida a partir de uvas nobres, a rainha das uvas portuguesas, a Touriga Nacional.

Meu pai, um belo rapagão de cabelos morenos e olhos castanhos, lançou olhares oblíquos para a jovem Isabel Maria Vieira Vasconcelos, donzela e herdeira do parreiral, dona de belos olhos azuis que não se esquivaram daquela furtiva contemplação.

O que me resta daqueles dias é uma fotografia onde se vê, com alguma dificuldade, um casal usando suas roupas nupciais, ele garboso e altivo; ela, bela e angelical, vestida de branco. No verso do retrato, a data escrita em letras primaveris: Enlace de António e Isabelita – 10 de maio de 1896 – Domingo.

Meu pai dizia poucas coisas sobre aquela época. No entanto, sabíamos que o retrato fora tirado uns seis meses depois do casamento, porque não existiam retratistas no Distrito da Guarda, sendo necessário que vestissem

novamente suas roupas nupciais quando da chegada de um profissional vindo de Lisboa especialmente para aquela tarefa. O retratista percorreu uma distância de aproximadamente quatrocentos quilômetros, contava meu pai, com uma pequena ponta de orgulho, por ser aquela a primeira vez que lhe tiravam o retrato. E depois arrematava dizendo que fora preciso certo esforço para que minha mãe entrasse no vestido de noiva, porque eu já habitava seu ventre, com três meses de vida.

O retrato está guardado no baú, e com ele outras lembranças que meus irmãos trouxeram daquela região quando navegaram além-mar. Você já as viu. São documentos importantes, entre eles a minha certidão de nascimento, e você poderá consultá-los para que não ocorram divergências quando for chegado o momento de tornar pública a minha versão da vida, da morte e das incertezas que habitam nossos corações.

Os acontecimentos ocorridos em maio de 1897 foram importantes.

Preste atenção no que lhe digo, Francisco. Muito cuidado com os adjetivos. Eles são perigosos e devem ser usados com parcimônia.

Por mais que se tente, nem sempre se consegue expressar com clareza o sentimento que se deseja aflorar. Eu quis dizer que os acontecimentos foram memoráveis ou trágicos? Decisivos ou fatídicos? Não sei. Mesmo que eu reescreva aquela frase dez vezes utilizando dez adjetivos diferentes, nenhum deles me satisfará plenamente.

Adjetivos, o melhor seria eliminá-los, sumariamente.

Nasci naquele mês e ano inqualificáveis.

Dois dias depois, minha mamãe morreu. Hemorragia interna.

Poderia acrescentar hemorragia incontrolável, mas é desnecessário, pelo óbvio.

Desse período meu pai não diz muito, ou quase nada.

Com o advento do novo século, meu pai vislumbrou uma nova era, novas paragens, novas oportunidades.

Tão logo se desfez de seus escassos bens, partiu para a cidade do Porto

e ali tomou um pacote para, quarenta dias depois, aportar no Brasil, com o coração transbordando incertezas, mas convencido de que havia tomado a decisão certa.

A distância entre a aldeia de Cancelos de Baixo e nosso ponto de embarque, na cidade do Porto, foi percorrida de todas as formas possíveis: a pé, de carro de boi, charrete, em lombo de burro. Meu pai fez de tudo para economizar seus poucos réis. Assim, aqueles duzentos quilômetros somente foram superados depois de longo período de viagem, porque, durante a caminhada, meu pai trabalhou em vinícolas e fazendas, foi guardador de ovelhas e outras funções menos nobres, como tratador de porcos. Em troca, recebíamos pouso, comida e alguns réis, acrescidos aos já existentes.

Meus avós maternos, que já haviam chorado todas as lágrimas quando da morte da filha, se recusaram a se despedir do neto. Já o pai de meu pai lhe disse, à porta de casa, à guisa de adeus: “filho meu que sai de casa não volta nunca mais”.

CAPÍTULO II

Uma pintura; uma acolhida; uma providência

Homem de raras palavras, dizia-as com calma e sabedoria.

Da chegada ao porto de Santos até nossa instalação na Fazenda da Cachoeira, em terras banhadas pelo Rio Itororó, no interior do país, meu pai dizia apenas que a Providência nos havia conduzido e que nada havíamos feito, senão aquietar o coração e deixar que ela nos levasse aonde bem quisesse.

Nada há na minha memória a respeito dos primeiros anos que passamos na Fazenda da Cachoeira. Sei que morávamos em uma das casas destinadas aos colonos, que até poucos anos antes era a morada de

negros de origem africana, recém-libertos do jugo da escravidão, mas abandonados ao deus-dará. A antiga senzala deixou de abrigar negros escravizados para dar guarida a negros abandonados e a forasteiros desafortunados, todos sob um novo domínio. Saiu a figura do senhor de escravos para dar lugar à do patrão, que é aquele que dá o trabalho, a moradia, a comida. Em troca, o empregado retribui com seu suor, dia após dia, do nascer ao pôr do sol, e, com alguma sorte, sobram-lhe alguns réis ao final do mês, porque a comida, a roupa, a moradia, tudo era descontado do pagamento mensal. Sim, sei que sobravam alguns trocados ao final do mês, suficientes para que não esmorecessem no trabalho, mas não o bastante para que alçassem outros voos.

Depois que meu pai contraiu segundas núpcias, e disso eu me lembro muito bem, ficávamos na varanda da nossa casa, agora maior e arejada. Banhados pela melancolia do entardecer nos sentávamos, primeiro eu e, mais tarde, também meus três irmãos, aos pés de meu pai para ouvir, como se fosse a primeira vez, a gênese de nossa família. O ponto de partida era sempre o mesmo: o momento em que descemos do paquete e pisamos as tábuas rústicas e grossas do porto de Santos.

Meu pai estava plantado no meio do deque, com as duas mãos ocupadas. Em sua mão direita, segurava firmemente seus pertences acomodados em uma mala de couro cru, e, na esquerda, a mão de uma criança, quando passou por ele o Sr. Bittencourt Antunes Filho, oriundo das salas da Faculdade de Direito de Coimbra, e o interpelou, dizendo:

- A cena me comove, senhor. Acreditaria estar diante de uma pintura saída dos pincéis de um pintor nostálgico. Um homem, uma mala, uma criança. À frente, uma montanha que parece desafiá-lo. Atrás, o oceano que, julgo, não pretende enfrentar novamente. Poderíamos ficar horas tentando apanhar o real sentido deste quadro. Estará nosso intrépido viajor disposto a transpor a montanha em direção ao mundo novo e desconhecido, ou retrocederá covardemente à sua terra natal, de onde

sequer deveria ter saído? Subindo a montanha, apresentar-se-ão novas conquistas e novas oportunidades? Regressando, esperar-lhe-ão o reconhecimento do fracasso de sua aventura e o retorno à antiga vida, mesmo tendo o conforto de conhecer o caminho já percorrido? Valerá mesmo a pena arriscar sua vida, levando tão poucos pertences e um miúdo a terras desconhecidas?

Morreu já faz tempo, deixando um herdeiro, Dr. Bittencourt Antunes Neto, ou Dr. Netinho, como o chamamos. E uma dívida de gratidão. Impagável, é preciso que se diga.

Pois foi Bittencourt Antunes Filho que tirou meu pai da letargia que sobre ele se abatera naquele momento. Seja por não saber que direção tomar, seja pelas palavras proferidas de supetão pelo jovem jurisconsulto, meu pai titubeou por um momento, mas logo se apressou a seguir seus passos, e o fez até se encontrar em segurança, à sombra da casa-grande da Fazenda da Cachoeira, na Vila do Itororó. Ele, seus pertences e sua família.

Seus pertences eram alguns pares de roupa, um calçado com pouco uso, raros objetos de uso pessoal (a navalha eu uso até hoje), dinheiro escasso, um par de alianças, duas garrafas de vinho e uma fotografia. A família... Bem, a família erámos ele, eu e nossa história, que começava naquele momento.

Enquanto fui criança, e até bem próximo da minha mocidade, nas raras vezes em que ouvia a palavra “providência”, aparecia diante de meus olhos o sorriso franco estampado no rosto redondo de Bittencourt Antunes Filho. O hábito de cultivar um enorme bigode, sempre bem aparado, não era suficiente para esconder seu sorriso de aconchego.

Um mau costume; uma anomalia; uma definição

Meu pai não era religioso, embora fosse incapaz de desqualificar quem quer que fosse por suas crenças ou por seus hábitos. Não se animava a frequentar a igreja e não se dispunha a acompanhar procissões ou outras cerimônias longas e cansativas. Mas cria em Deus. A seu modo e a seu tempo.

Herdei dele esse mau costume, e, com o passar do tempo, de uma forma muito natural, deixei de acreditar em deus.

Hoje em dia não consigo confessar o credo niceno-constantinopolitano. Por mais que eu queira, é impossível acreditar num ser sobrenatural criando o mundo e todos os seus pertences. Não creio que um pai tenha a capacidade de enviar seu filho ao sacrifício supremo para redimir uma raça ingrata, que não o reconhece como deus a não ser quando lhe convém.

E sabe por que penso assim? Simplesmente porque não é natural. Não é natural que o homem surja do barro, que o sol nasça do nada, que as estrelas apareçam num estalar de dedos. Não vejo deus em atitudes atípicas, artificiais, anômalas. Seria ele o primeiro a desobedecer às leis da natureza, que, em tese, foram criadas por ele? “Natura non facit saltum”, dizia Leibniz, mesmo porque, se assim o fizesse, seria a natureza uma aberração, a personificação da anomalia, quase um Quasímodo.

Preste atenção, Francisco. Adjetivos podem ser traiçoeiros. Deus, se ele existisse na forma em que é cultuado por todas as religiões, não precisaria de qualificação. Deus é deus e ponto final. Quando o homem que crê diz que deus é amor, é fiel, é bondade, não está dando atributos à divindade, mas sim restrições e limitações. Quem precisa de predicados somos nós, seres limitados, carentes de explicação ou distinção, mesmo

pertencentes à mesma espécie. Se deus é único, como dizem, por que então essas especificações? Não passam de codinomes. Na verdade, deus extrapola todos os conteúdos e todos os continentes.

Poucas coisas me irritam. Uma delas, quando me perguntam se o mel que vendo é puro. Eu digo: é mel. Isso basta, isso esclarece. Assim, deus é amor? Não, é deus; deus é fiel? Não, é deus. *Ego sum qui sum*, assim ele se autodefiniu. Deus dispensa todos os adjetivos.

De meu pai herdei a tez morena, e de mamãe Isabelita, os olhos azuis. Quando jovem, fiz boa figura na sociedade itororense. Hoje, septuagenário, vivo só, tentando, a exemplo de meu pai, não desqualificar aqueles que creem em deus, embora a recíproca não seja verdadeira.

Uma escola; uma professora; uma andorinha

Nossa caminhada até a cidade é longa e, a cada ano que se passa, parece se alongar ainda mais. Claro, são minhas pernas que diminuíram a passada, e por isso não me aborreço. Desde os meus sete anos faço este trajeto para estudar na cidade. Naquela época se dizia que era uma légua de distância. Agora se diz que são seis quilômetros, o que não altera em nada nosso esforço para alcançar a cidade.

Acostumei-me a essa caminhada, o que muito me agrada, principalmente na ida, porque vamos sempre cedo, com o frescor da manhã. Acompanhamos o trajeto do Rio Itororó, que corre para o norte, e nós, em sentido contrário, vamos para o sul.

Quando eu era criança, íamos em bando para a vila. Éramos filhos de trabalhadores da fazenda. Nos primeiros dias do mês de maio, quando se dava o início da colheita do café, era preciso que muitos abandonassem a escola para ajudar seus pais na lavoura.

As meninas não estudavam, porque ali não se ensinavam prendas domésticas, único aprendizado de que necessitavam para perpetuar seu estado de submissão aos pais e, em um futuro próximo, aos maridos e às intermináveis tarefas domésticas. E penso que eu era o único que percebia isso, afinal era tão natural que elas não estudassem...

Eu era um pouco mais alto que a maioria dos meninos, mas muito magro e tido por todos como um menininho doente. Veja você. Porque não nadava no rio, porque não brincava de pique-esconde e raramente subia em árvores, todos me julgavam inútil para o trabalho na lavoura. Restava entregar-me totalmente aos estudos e às tarefas escolares.

A vila, naqueles tempos distantes, tinha apenas um grupo escolar, chamado de Grupo Escolar Nossa Senhora da Imaculada Conceição, onde hoje, ampliada, renovada e renomeada, funciona a escola que você frequenta, a Escola Estadual Getúlio Vargas.

Depois do quarto ano de grupo, não mais se estudava na Vila do Ito-roró. Quem quisesse ou pudesse prosseguir os estudos deveria ir para a cidade próxima, Rio Pequeno, onde o aluno se submeteria a um exame de admissão e poderia fazer o ginásio, com quatro anos de duração.

Fiz apenas os quatros anos do grupo escolar.

Sempre fui bom aluno. Prestava atenção às explicações das professoras e respondia às perguntas com correção. Minha caderneta de notas está no baú. Nenhuma abaixo de nove. Veja você mesmo. De comportamento exemplar e presença assídua, deveria ser um modelo para os colegas, mas despertava neles um quê de raiva e de ódio, manifestados em zombarias e velhas anedotas de português, que exageravam a ignorância de meus antepassados.

Nunca fiz conta disso e aguentei calado as provocações dos mais exaltados.

No recreio, ficava quieto, sentado debaixo da mangueira, no canto do pátio, enquanto os meninos corriam uns atrás dos outros, num estou-

vamento adoidado, sem nenhum sentido.

Quando estava no segundo ano, durante o descanso, alunos com dificuldade em alguma matéria procuravam-me debaixo da mangueira para que eu esclarecesse suas dúvidas.

No início vieram dois ou três, sempre receosos de que fossem vistos ao meu lado. Aos poucos foram perdendo o pejo, e logo havia muitos à minha volta para tirar suas dúvidas, para ratificar seus cálculos na tarefa de matemática ou para dar uma olhada no meu trabalho de História do Brasil.

A escola era nova e pobre. Recursos didáticos quase não existiam. Além das cartilhas, um quadro negro, giz e uma palmatória. Quatro professoras, uma para cada série; uma diretora, dona América, sempre nervosa, que vivia às turras com Juvenil, uma espécie de ajudante de ordens seu. Era ele o responsável pelo badalar do sino no início e término das aulas e pela condução dos alunos à sala de aula, em ordem e em fila indiana, e o culpado, quase sempre, por alguma traquinagem feita por um aluno desordeiro.

Quem nos introduziu ao bê-á-bá foi dona Eulália. Ensinou-nos a somar as letras umas às outras com tanto carinho e afeto que todos nós nos apaixonamos por ela. Paixão essa que perdurou em meu coração por muitos e muitos anos.

Quando estava no quarto ano, eu lia como gente grande. A professora dessa série, dona Glorinha, tinha quantidade de livros em sua casa, e muitos a chamavam de “a professora doida”, pois gastava seu salário quase todo na compra de novos livros. Eu lia tudo que conseguia ou que me era permitido.

Fiz minhas primeiras viagens além daquela vila e nunca mais parei de viajar.

Viajei por cinco semanas em um balão e fui ao centro da terra. Estive na lua e, no regresso, naveguei pelos sete mares a bordo do Náutilus, como

imediate do Capitão Nemo. Fiz-lhe continência e acatei suas ordens.

Estive no país de Lilliput e lá brinquei com alguns de seus pequeninos habitantes e fiz muitos amigos. Fugi apavorado dos homenzarrões de Brobdingnag, não sem antes derrubar dois ou três deles.

Apaixonei-me pelas fábulas de Esopo e de Jean de la Fontaine. Os contos dos irmãos Grimm eram minha ocupação diária: lia e relia suas histórias fantásticas, torcendo pela felicidade eterna da Branca de Neve, pela vitória da Vovozinha e pela perda do Lobo Mau.

Seria absurdo dizer que, para mim, os livros eram um tapete voador? Verdadeiramente, não eram, mas bastava fechar os olhos e eu, feito fosse uma andorinha, voava longe, muito longe.

CAPÍTULO V

Um inimigo invisível; um item inegociável; uma novidade

Não quero ser profeta do caos. Não tenho vocação para adivinhações. Mas tempos sombrios estão próximos.

Veja você. Até meados dos anos cinquenta, quando deixei de instruir os moradores da Fazenda da Cachoeira e passei a vender mel, mais por ocupação que por necessidade, tínhamos uma vida tranquila e despreocupada. Cada um cumpria seu papel, já preestabelecido de forma simples e natural. Hoje caminhamos olhando para os lados, à procura de um inimigo invisível. Sei que ele existe e é combatido de peito aberto nas cidades grandes. Aqui em Conceição do Itororó, a presença sorrateira do inimigo é sentida nos olhares enviesados e palavras tergiversadas, por isso a maioria das pessoas não o vê.

Vivemos tempos difíceis, ousaria dizer, tempos cruéis. Se uso tais palavras, que ninguém nos ouça. Tudo é camuflado, e o perigo ronda

nossos calcanhares.

Caminho pelas ruas da cidade e sei que conheço todos os seus moradores. Lembro-me da vila com dois, três mil habitantes, quando era um distrito pertencente à comarca de Rio Pequeno. Se hoje não os conheço a todos, sei de seus pais e antepassados recentes, o que não me impede de caminhar com um olho voltado para nossas costas, como se uma sombra insistisse em nos acompanhar.

Nos dias atuais, o que me chama a atenção é a mudança gradual e insistente que tem ocorrido nas casas da cidade. Nos primeiros anos, eu encontrava as pessoas sentadas nos alpendres ou varandas de suas residências e, da calçada, conversava com elas e oferecia meu produto. Muita vez era chamado para entrar e sentar no alpendre. Ali conversávamos sobre as últimas novidades, tomávamos café e ouvíamos o cantar dos pássaros nas gaiolas dependuradas no teto, entre enormes samambaias que enroscavam suas folhas em nossos chapéus quando passávamos por debaixo delas. O único item inegociável era o valor da mercadoria: nunca coloquei preço em artigos que necessito comprar e não suporto ouvir contraoferta ao produto que quero vender. Felizmente, depois de duas ou três retiradas em silêncio, não mais ouvia o famigerado “pago tanto”.

Hoje os alpendres são atirados ao chão sem nenhuma cerimônia, substituídos pelas garagens, onde os felizes proprietários podem resguardar, triunfantes, seu bem maior, um veículo automotor.

Os moradores, não tendo onde ficar, adentraram suas casas e, não tendo com quem conversar, compraram uma novidade que há pouco chegou à cidade e a todos arrebatou. Fala por eles, pensa por eles, revolta-se por eles, e eles não precisam fazer absolutamente nada. Só meneiam a cabeça em concordância e coçam o saco. Que comodidade essa tal televisão nos trouxe.

Até mesmo vender mel ficou difícil. É preciso bater palmas, esperar que ouçam ou que seja o momento dos reclames na televisão para ser

atendido, e é preciso voltar o troco rápido, porque as pessoas ficam olhando pela fresta da porta para não perderem parte de seu programa favorito.

Vi a vila crescer, desenvolver-se, emancipar-se, inchar-se de moradores. Eu estive aqui o tempo todo.

CAPÍTULO VI

Uma vila; uma simbologia; um bordão

Em 1922 fomos todos às ruas para comemorar o centenário da Independência do Brasil e a emancipação da Vila do Itororó, que ganhou vida própria e libertou-se da comarca de Rio Pequeno. Sempre fomos dependentes daquela cidade, distante pouco mais de trinta quilômetros, ligadas uma à outra por uma quase sempre intransitável estrada de terra.

Todos os itororenses conhecem a cidade de Rio Pequeno. Banhada pelo rio homônimo, já naquela época possuía um comércio forte e um povo pujante, atraindo para si todos os habitantes das cidades menores a seu redor. Possuía um hospital bem equipado, colégio que abarcava todas as séries, uma biblioteca, uma livraria.

Fui muita vez àquela cidade. Aliás, é a única que conheço, fora, claro, a minha Conceição do Itororó.

É certo que fui à Capital algumas vezes, mas não digo que a conheço. Formaturas, casamentos, batizados foram motivos que me levaram até ela. O pouco que lá fiquei foi o suficiente para desgostar daquele amontoado de gente e de prédios; daquele amontoado de gente e de carros. Cidade grande é uma enorme contradição: dizem que tem de tudo, mas não é verdade. Algumas coisas tem em excesso: gente, carro, barulho. Mas não tem a saudação cordial, a conversa informal, a paz de um sorriso sem razão.

Fazer o caminho de volta era como escapar de um labirinto intransponível tal qual o construído por Dédalo, para adentrar imensos campos verdes, onde correm livres o vento venturoso e a água viva. Para usar uma simbologia muito ao gosto de nossa gente, diria que era como sair do inferno para entrar no paraíso.

Para se chegar a Conceição do Itororó havia dois caminhos. O primeiro era uma trilha íngreme e pedregosa, hoje utilizada apenas por aventureiros. Fora por esse caminho que os primeiros habitantes haviam chegado à região, e só era possível percorrê-lo com a ajuda de animais fortes e intrépidos. Aqueles arrojados homens que primeiro chegaram através da encosta da Serra do Itororó foram obrigados a permanecer no vale vários dias para se recuperarem, a si e aos animais, que chegaram cansados e estropeados.

Ali se deu o início da vila. Mais tarde, abriram uma picada através do vale que, com o passar dos anos, transformou-se na estrada Conceição do Itororó-Rio Pequeno.

Saindo de Conceição do Itororó, caminhando por essa estrada uns quatro quilômetros, nos deparamos com uma bifurcação. Naquele local funcionava uma venda de beira de estrada, comandada pelo Sr. Percivânio, o Velho. Hoje está estabelecida ali a Casa Dois Irmãos, de propriedade dos herdeiros do antigo dono: Percivânio Filho e Percivânio Júnior, você sabe. Seguindo pela via da esquerda, em direção noroeste, chega-se à sede do município de Rio Pequeno. Avançando pela estrada em linha reta, rumo ao norte, acompanhando o burburinho do Rio Itororó por mais dois quilômetros, adentra-se a propriedade da Fazenda da Cachoeira.

Naqueles dias, éramos forçados a viajar com a empresa Expresso Itororó, dona do único ônibus da cidade, que partia todos os dias às sete da manhã para Rio Pequeno, pegando passageiros diversos pelo caminho, inclusive na venda do Sr. Percivânio, o Velho. Ali, vindos da fazenda, pegávamos a condução quando queríamos ir a Rio Pequeno. Por

transportar, em sua maioria, pessoas simples e sem estudo, o Expresso Itororó era conhecido pelo carinhoso apelido de Expresso Cata-Jeca. A previsão de chegada ao destino era às nove horas. Mas isso raras vezes ocorria. Chegava-se às dez horas e, às vezes, ao meio-dia, conforme o estado poeirento ou lamacento da estrada, dependendo ainda do número de jecas pegos pelo caminho e considerando-se, finalmente, o número de avarias da “Julieta” pela estrada. Julieta era o nome dado pelos pândegos à jardineira, peça única do patrimônio da empresa, que, não raro, entre buracos e solavancos, teimava em perder uma porca ou um parafuso no trajeto, levando o populacho a repetir o bordão:

Quando cisma a Julieta, ninguém tira do lugar;

Para não ficar zureta, é melhor sentar e esperar.

O retorno para Conceição do Itororó se dava sempre às 17 horas. Horário de chegada? Apenas torcíamos para chegar.

Compre já o livro **O Velho e o Menino: o Rio**

 eBook na Amazon

 Livro físico com o autor